

A IMPORTÂNCIA DA IMAGINAÇÃO MORAL, NA FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO, PARA A EDUCAÇÃO

Nathan D’Almeida Alves de Oliveira; Emmanoel de Almeida Rufino.

(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – campus João Pessoa,
oliveiranathan4@gmail.com)

Resumo do artigo: Desde os primórdios da história humana, existia uma íntima ligação entre educação e literatura e era impossível falar de uma sem citar a outra. Porém, com a chegada da modernidade, iniciada com o fim da idade média, foi-se criando cada vez mais uma divisão entre essas duas coisas, e as grandes obras Clássicas, os mitos, os contos de fadas, e muitas das histórias e canções do folclore passaram a servir como mero entretenimento, já que agora a educação ficava a critério exclusivamente das escolas através do ensino técnico e formal. Com base nisso, essa pesquisa se propõe a analisar o conceito de educação, imaginação moral e imaginário, tal como apresentado por alguns pensadores, vendo as relações entre esses três conceitos para com isso, especificamente, apresentar a visão dos autores acerca da relação entre a literatura e a educação, compreender o processo de formação do imaginário e de sua importância para a educação e entender como a imaginação moral deve servir de base para a formação do imaginário. Vemos que essa pesquisa é de elevada importância por tratar-se de uma temática a qual parece ter sido esquecida pelos pensadores modernos, mas que esteve presente na maior parte da história da humanidade, e esperamos que, através desse trabalho, possamos despertar o interesse de certas pessoas para o assunto, fazendo com que as discussões em torno desse tema voltem à tona no nosso mundo e façam-nos questionar se as “clássicas” opções apresentadas para melhorar a qualidade de nossa educação - a saber: maiores investimentos na área da educação, maior preocupação do estado, democratização da escolarização, etc - realmente levariam a algum lugar. No fim, concluiu-se que a imaginação moral, entendida como a capacidade humana de reconhecer padrões éticos, presente na formação do imaginário, que entendemos como o campo onde as imagens captadas pelos sentidos são cultivadas, é de suma importância à educação, possibilitando que o educando possa passar a ver as coisas como coisas fora de si mesmo, como coisas reais, e, a partir daí, reconhecer a verdadeira essência dele mesmo e do mundo que o cerca.

Palavras-chave: Imaginação moral, Imaginário, Educação, Literatura.

INTRODUÇÃO

Ao lermos a *Ilíada*, ou qualquer outra obra que tenha, após passar pelo teste dos longos anos da história, conquistado o título de “Clássica”, podemos perceber um “caráter moralístico” que nos é apresentado através das personagens ou por meio do enredo. Por vezes, esse “caráter” parece sussurrar-nos as consequências inevitáveis de determinadas ações, alertando-nos ao nos apresentar um mapa de causa e efeito, uma terra onde se colhe tudo o que se semeia. Como exemplo, podemos citar a importância que as obras de Homero tinham para a formação do homem grego e, conseqüentemente, da própria Grécia, pois, “Na figura de Odisseu viam os gregos o retrato do herói ideal, até mesmo nos defeitos: (...). Homero criou a Grécia histórica, tendo sido então de influência tão

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

profunda e duradoura como a Bíblia, Dante e Shakespeare (...)” (NUNES, 2015, p.13,14). Esse mesmo fato pode ser verificado no nosso conhecimento acerca das civilizações: como sabemos que os povos do norte da Europa medieval prezavam a guerra? Primeiramente por causa dos relatos históricos e, depois, por conta de todos os registros de lendas, mitos e histórias que chegaram até nós pelos eddas, nas sagas, nos poemas e nas canções. Também podemos citar os contos de fadas que, entre os séculos XVIII e XIX, fizeram com que os irmãos Jacob e William Grimm encontrassem as “origens de um passado alemão comum, que pudesse ajudar a unificar a Alemanha, na ocasião um emaranhado de mais de duzentos principados. ” (BRITO, 2016, p.23). Com os exemplos apresentados, podemos notar a singular importância que a literatura exerce ao refletir o senso de moralidade de uma civilização. Como apresentado, desde os primórdios da história humana, existia uma íntima ligação entre educação e literatura e era impossível falar de uma sem citar a outra. Porém, com a chegada da modernidade, iniciada com o fim da idade média, foi-se criando cada vez mais uma divisão entre essas duas coisas, e as grandes obras Clássicas, os mitos, os contos de fadas, e muitas das histórias e canções do folclore passaram a servir como mero entretenimento, já que agora a educação ficava a critério exclusivamente das escolas através do ensino técnico e formal. Aliás, a etimologia da palavra folclore pode ajudar-nos a entender um pouco esse processo. Folclore deriva de dois termos ingleses: *Folk*, que pode ser traduzido por povo, e *lore*, que significa conhecimento. Logo, folclore é o conhecimento do povo, aquela sabedoria que é passada de geração em geração, atingindo todos os seres humanos de uma comunidade, independente da condição social das mesmas e que, na maioria das vezes, era captado e apresentado pelas artes, em especial, pelas belas letras, a literatura. Foi esse conhecimento que acabou se prejudicando com as ideias trazidas pela modernidade.

Ao voltarmos os olhos para o passado, dificilmente veremos algum autor clássico falando sobre esse “caráter” contido nas histórias, isso se dá, pois, a literatura e a educação andavam juntas, e seria um absurdo propor, nos séculos anteriores à era moderna, que ambas poderiam ser tratadas de maneira separada. Ao perguntarmos a um típico homem medieval se a formação de uma melhor pessoa teria alguma ligação com as histórias que a mesma ouviu ou leu, a resposta seria algo como “E isso não é óbvio?”, como nos mostra o escritor Irlandês C.S. Lewis (MCGRATH, 2013). Com a separação entre educar e ler boa literatura, porém, as coisas deixaram de ser tão óbvias, e algumas pessoas tiveram de se levantar para reafirmarem o papel que a literatura tinha na educação. Nomes como Edmund Burke (1729-1797), George MacDonald (1824–1905), G.K. Chesterton (1874-

1936), C.S. Lewis (1898-1963), J.R.R. Tolkien (1892-1973), Russel Kirk (1918-1994), T.S. Eliot (1888-1965), Northrop Frye (1912-1991) e tantos outros, começaram a defender a relação entre educação e literatura, dessa vez utilizando termos como imaginário e imaginação. Com base nisso, essa pesquisa se propõe a analisar o conceito de educação, imaginação moral e imaginário, tal como apresentado por alguns pensadores pertencentes a esse grupo acima citado, vendo as relações entre esses três conceitos para com isso, especificamente, apresentar a visão dos autores acerca da relação entre a literatura e a educação, compreender o processo de formação do imaginário e de sua importância para a educação e entender como a imaginação moral deve servir de base para a formação do imaginário.

Não havendo uma grande quantidade de trabalhos publicados nessa área, pelo menos aqui no Brasil, vemos que essa pesquisa é de elevada importância por tratar-se de uma temática que parece ter sido esquecida pelos pensadores modernos, mas que esteve presente na maior parte da história da humanidade, e esperamos que, através desse trabalho, possamos despertar o interesse de certas pessoas para o assunto, fazendo com que as discussões em torno desse tema voltem à tona no nosso mundo e façam-nos questionar se as “clássicas” opções apresentadas para melhorar a qualidade de nossa educação - a saber: maiores investimentos na área da educação, maior preocupação do estado, democratização da escolarização, etc - realmente levariam a algum lugar.

METODOLOGIA

Essa pesquisa baseou-se exclusivamente em fontes bibliográficas e, para isso, foram utilizados livros, artigos e ensaios. Entre os livros e ensaios, utilizamos a biografia *A era de T.S. Eliot: A imaginação moral do século XX*, do historiador americano Russel Kirk, publicado no Brasil pela editora É realizações e a biografia *Russel Kirk: O peregrino na terra desolada*, de autoria do historiador brasileiro Alex Catharino, publicado no Brasil também pela editora É realizações, para melhor compreendermos o sentido de imaginação moral. A pesquisa acerca da relação entre literatura, imaginação e educação se deu através da obra *A imaginação educada*, do crítico literário canadense Northrop Frye, publicado no Brasil pela editora Vide editorial, da biografia *A vida de C.S. Lewis: Do ateísmo às terras de Nárnia*, do conceituado acadêmico inglês Alister McGrath, publicado no Brasil pela editora Mundo Cristão, pelo livro *Ortodoxia*, do escritor inglês G.K.

Chesterton, publicado no Brasil pela editora Mundo Cristão, pelo ensaio *Sobre contos de fadas*, presente no livro *Árvore e Folha* de autoria do escritor inglês J.R.R. Tolkien, publicado no Brasil pela editora *Martins Fontes*, pelo ensaio *Três maneiras de escrever para crianças*, também de C.S. Lewis e presente na edição publicada no Brasil pela editora *Martins Fontes* do seu livro *As Crônicas de Nárnia* e pôr fim do prefácio à edição brasileira da obra *O fabuloso livro azul*, do folclorista Andrew Lang, escrito pela tradutora Marcia Xavier de Brito, e publicado no Brasil pela editora *Concreta*. Dois foram os artigos utilizados, *A reforma do imaginário através da educação da imaginação* do professor brasileiro Francisco Escorsim e *C.S. Lewis e a formação do imaginário* do professor brasileiro Paulo Cruz. Os resultados serão apresentados na ordem em que fora realizada a pesquisa, sendo organizado da seguinte maneira: Primeiro abordaremos o conceito de imaginação moral, depois analisaremos o que é o processo de formação do imaginário, em terceiro lugar buscaremos relacionar a imaginação moral com a formação do imaginário e, por fim, trataremos acerca de como tudo isso afeta a educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A imaginação Moral

Imaginação trata-se da faculdade mental responsável por representar imagens, imagens essas que são captas pela experiência por meio dos nossos sentidos e, depois de armazenadas na mente, são recordadas por meio da memória. Ao termos contato com alguma obra de arte, seja ela qual for, acabamos, mesmo que sem perceber, armazenando essas imagens em nossa mente (a isso posteriormente iremos chamar de imaginário). Essas imagens por sua vez, hão de ser o material que usaremos para interpretar a nós mesmos e a realidade ao nosso redor. Baseando-se nessa ideia, o filósofo político, historiador e escritor norte-americano Russel Amos Kirk, procurou compreender as características dessa faculdade mental, desenvolvendo com isso a ideia de imaginação moral.

Conforme nos relata Alex Catharino no seu livro *Russel Kirk: O peregrino na terra desolada* o conceito de imaginação moral foi primeiramente cunhado pelo filósofo inglês Edmundo Burke como, “uma metáfora para descrever a maneira pela qual os revolucionários franceses, pautados em falácias ideológicas, estavam promovendo a destruição dos costumes civilizatórios tradicionais” (CATHARINO, 2015,

p.85). Ainda no mesmo livro, o autor cita o próprio Burke:

Agora, no entanto, tudo está para mudar. Todas as ilusões agradáveis que tornaram o poder moderado e a obediência generosa, que harmonizavam os diferentes matizes da vida e que por assimilação suave incorporaram na política sentimentos que embelezam e amenizam a sociedade privada estão para ser suprimidos por esse novo império conquistador de luz e razão. Toda a roupagem decente da vida está para ser rudemente arrancada. Todas as ideias ajuntadas, oferecidas no guarda-roupa de uma imaginação moral que o coração possui e o entendimento ratifica como necessária para esconder os defeitos de nossa natureza árida e corrompida e para erguê-la à dignidade de nossa estima, estão para ser rebentadas como uma moda ridícula, absurda e antiquada. (BURKE apud CATHARINO, 2015, p.85, 86).

Essa expressão cunhada por Burke tomou dimensões ainda maiores quando, ao fazer diversas análises literárias (em especial ao ler os poemas do escritor anglo-americano T.S. Eliot), Russel Kirk percebeu um “princípio” de ordem em toda literatura, e uma curiosa capacidade humana de perceber esse princípio de modo que, para ele, a imaginação moral se tornou uma capacidade da mente humana, conforme ele relata na biografia que escreveu sobre T.S. Eliot:

Ora, o que é a imaginação moral? A expressão é de Edmund Burke. Por ela, Burke queria indicar a capacidade de percepção ética que transpõe as barreiras da experiência privada e dos acontecimentos do momento – “especialmente”, como o dicionário a descreve, “as mais altas formas dessa capacidade praticadas na poesia e na arte”. A imaginação moral aspira apreender a justa ordem da alma e a justa ordem da comunidade. Foi o dom e a obsessão de Platão, Virgílio e Dante. (...). Portanto, é assim que os homens de literatura não são “novilinguistas”, mas portadores de um padrão antigo, agitado pelos ventos modernos da doutrina: os nomes de Eliot, Frost, Faulkner, Waugh e Yeats devem bastar para dar a entender a variedade dessa imaginação moral na era moderna. (KIRK, 2011, p.140)

Percebemos com isso que ao falarmos de imaginação moral, estamos falando de uma capacidade que o ser humano possui para, através da imaginação – ou seja, da representação de imagens que ele capta pelos sentidos – encontrar um princípio moral por trás de determinada imagem. Podemos perceber isso claramente ao prestarmos atenção à reação de uma criança à leitura de um conto de fadas. Nós não precisamos estar constantemente dizendo que determinada bruxa é má: pela própria ação dos personagens a criança percebe que aquele comportamento não é como “deveria ser”. Mesmo que não saiba o que é, a criança sabe que existe algo de errado ali. Essa capacidade se manifesta de maneira ainda mais forte na literatura, uma vez que a mesma exige um maior

esforço imaginativo, fazendo com que, após captar as imagens que são apresentadas pela obra, o leitor possa, novamente através da imaginação, reconstruir aqueles símbolos e arquétipos aplicando-os a sua própria existência. Por isso fazemos constantes comparações entre as pessoas que conhecemos ou as coisas que nos acontecem, com os personagens e os acontecimentos apresentados pela literatura.

Já o poeta, diz Aristóteles, nunca faz afirmações factuais, muito menos particulares ou específicas. Não é a função do poeta informar-nos o que aconteceu, mas o que acontece. Ele não nos conta aquilo que se deu, mas aquilo que se dá sempre – o evento típico, recorrente ou, como chama Aristóteles, universal. Não leríamos *Macbeth* para aprender sobre a história escocesa – lemos *Macbeth* para descobrir o que se passa com um homem que conquista um reino à custa de sua alma. Quando, no *David Copperfield*, de Dickens, encontramos um personagem como Micawber, nossa sensação não é de que Dickens chegou a conhecer um homem tal e qual, mas sim que há algo de Micawber em todas as pessoas que conhecemos e em nós mesmos. Nossas impressões sobre a vida humana vão acumulando-se uma a uma e, para a maioria de nós, permanecem vagas e desorganizadas. Na literatura, porém, muitas dessas impressões de repente ganham ordem e foco. Isto é parte do que Aristóteles quer dizer quando fala em evento humano típico ou universal. (FRYE, 2017, p.55).

A formação do imaginário

Como vimos, através da imaginação podemos reconstruir em nossas mentes as imagens que absorvemos na realidade. Essas imagens, por sua vez, ficam armazenadas conosco. Segundo o crítico literário canadense Northrop Frye (FRYE, 2017), a junção das imagens que armazenamos influencia a maneira pela qual entendemos nós mesmos e a realidade ao nosso redor. É exatamente o “lugar” onde essas imagens ficam armazenadas, que chamaremos de imaginário.

Por sua própria natureza essa experiência de base forma nosso mundo emocional e, aos poucos, pelo acúmulo de bens amados, uma *cultura pessoal*, a qual não se confunde com tudo o que vai na memória, mas se constrói e se organiza do pequeno ou grande resto guardado no coração da totalidade do que se testemunhou, viveu, leu, assistiu ou ouviu nessa vida. Por isso, é essa cultura pessoal que fornece o repertório efetivo de possibilidades que realmente se levará em conta quando das escolhas de quem se deseja ser e fazer nessa vida e, no fim das contas, delimita o horizonte real de uma visão de mundo, muitas vezes inexpressa ou não reconhecida, mas à qual se recorre quando tudo o mais falha na tentativa de compreender o que se passa consigo e ao redor. Para fins didáticos diferenciemos a morada dessa cultura pessoal, não separada da memória que lhe serve de continente, mas distinto o suficiente para ter

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

organização e nome próprio: o imaginário. (ESCORSIM, 2017)

Alegoricamente, poderíamos definir esse termo como o campo onde as imagens são cultivadas em que a colheita (vista metaforicamente como a recordação e formação das imagens através da imaginação) depende daquilo que plantamos (as imagens que formam o nosso imaginário). No seu artigo, Francisco Escorsim utiliza para isso o termo “cultura pessoal” e é importante atentarmos para a etimologia da palavra cultura que vem do latim *cultura*, significando o ato ou efeito de cultivar (LUFT, 2009), logo a “cultura pessoal”, o imaginário, é o lugar onde nós cultivamos todas as imagens que nós captamos por meio dos sentidos e armazenamos em nossa mente. Há, no entanto, três “níveis” do imaginário: O primeiro seria o individual, onde as imagens que o compõe são aquelas que se remetem às experiências individuais, às imagens que nos permitem contar nossas próprias histórias, sejam lembranças nossas ou de alguém próximo a nós. O segundo nível é o social (que iremos chamar de cosmovisão). As imagens que compõe esse nível são aquelas que utilizamos para entender o mundo a nossa volta. O terceiro nível, por sua vez, é o “imaginativo”, que se constitui daquelas imagens que nos dão um modelo de como nós gostaríamos que o mundo fosse, gerando assim em nós uma espécie de anseio.

Defendi que haveria três principais comportamentos: em primeiro lugar, um estado de consciência ou perceptividade que nos separa, enquanto indivíduos, do resto do mundo; em segundo, a atitude prática de criar um modo humano de viver nesse mundo; por último, um agir imaginativo, uma visão ou modelo do mundo tal como poderíamos imaginá-lo ou gostaríamos que ele fosse. (FRYE, 2017, p.31).

A imaginação moral na formação do imaginário

Como apresentado, as imagens que são por nós captadas revelam-nos princípios morais. Estes princípios são percebidos graças a nossa capacidade que denominamos imaginação moral. Além disso, essas imagens são armazenadas num “lugar” chamado de imaginário, que moldará a maneira como observamos e entendemos a nós, ao mundo a nossa volta e os “modelos” que pretendemos seguir. Desse modo, uma vez que, através da imaginação moral conseguimos reconhecer os princípios de ordem apresentados pela literatura (e pelas artes em geral, porém, trataremos aqui mais especificadamente da literatura) podemos preencher e cultivar em nosso imaginário justamente esses princípios, apresentados pelas imagens. Para continuar citando o exemplo que

o Frye apresenta, ao lermos *MacBeth*, captamos a imagem que nos é apresentada acerca do protagonista, através da imaginação moral reconhecemos as atitudes que o conduziram à ruína e armazenamos essa imagem, junto com a percepção ética gerada pela imaginação moral, no nosso imaginário, transformando essa imagem em um símbolo, por definição, dotado de significado (que é a pretensão original de Shakespeare ao criar um personagem como *Macbeth*) e aplicamos isso a nossa própria existência, usando esse símbolo como um princípio regulador em nossas tomadas de decisões. O escritor Irlandês C.S. Lewis compreendeu esse poder das obras literárias em certo momento de sua vida, conforme nos mostra Alister McGrath:

A partir de mais ou menos 1937, Lewis parece ter percebido que a imaginação é o porteiro da alma humana. Depois de inicialmente apenas gostar de ler livros de fantasia – tais como os romances de George MacDonald – Lewis começou a se dar conta de como a ficção poderia permitir a exploração do apelo imaginativo e intelectual de visões do mundo. (...). Todavia, o ponto principal a avaliar não diz tanto respeito a tramas e pontos específicos, mas ao instrumento por meio do qual essas coisas se expressam: *histórias*, que cativam a imaginação e abrem a mente para uma maneira alternativa de pensar. (MCGRATH, 2013, p.248,250)

Tal como Lewis, Chesterton parece ter encontrado na literatura (em especial, nos contos de fadas) uma maneira de compreender a estrutura básica da realidade, como ele apresenta no livro *Ortodoxia*, no capítulo intitulado *A Ética da Terra dos Elfos*:

Minha primeira e última filosofia, aquela na qual acredito com certeza absoluta, eu aprendi na creche. Geralmente a aprendi de uma babá; isto é, daquela solene sacerdotisa ao mesmo tempo da democracia e da tradição, indicada pelos astros. Aquilo em que eu mais acreditava naquela época, aquilo em que mais acredito atualmente, são coisas que chamamos de contos de fadas. Eles me parecem inteiramente razoáveis. Não são fantasias: comparadas com eles, outras coisas são fantásticas. (...). Mas não estou preocupado com nenhum dos estatutos da Terra dos Elfos em separado, mas sim com o espírito de sua lei, que aprendi antes de saber falar e hei de reter quando não mais puder escrever. (CHESTERTON, 2007, p.82, 83)

Para Lewis e Chesterton, não adiantava apenas ler diversos livros, armazenando as imagens aleatoriamente, antes, fazia-se necessário entender o quadro maior por trás das obras, entender qual o significado dos símbolos que o escritor reuniu e nos apresentou na forma de uma história. A mera leitura não fazia sentido dissociado da percepção ética, que provém da imaginação: não devemos ler literatura como quem lê uma notícia de jornal. Faz-se necessário mergulhar no universo apresentado pelo autor,

captando as imagens apresentadas e lutando, ao lado da imaginação moral, para “decodificá-las”. Por esse motivo, a formação do imaginário deve estar intrinsecamente relacionada com a imaginação moral.

A importância para a educação

Chegamos agora ao último ponto. Como tudo o que foi dito anteriormente se aplica, ou pode se aplicar, à educação? Para Tolkien, essa relação existe, pois, a literatura, em especial aquelas com mais apelo imaginativo, como os contos de fadas (acompanhada, como vimos, da imaginação moral), exercem três funções básicas no ser humano, a saber, a recuperação, o escape, e o consolo.

A recuperação “trata-se de um modo de readquirimos o deslumbramento, a admiração pelas coisas que se tornaram corriqueira em nossos dias, coisas com as quais não nos importamos mais, mas que carregam em si mesmas o mistério da vida. (CRUZ, 2014).

Precisamos voltar a olhar o verde e nos surpreender de novo (mas não nos ofuscar) com o azul, o amarelo e o vermelho. Precisamos encontrar o centauro e o dragão, e talvez depois contemplar de repente, como os antigos pastores, os carneiros, os cães, os cavalos – e os lobos. Os contos de fadas nos ajudam a realizar essa recuperação. Nesse sentido que só o gosto por eles pode nos tornar, ou manter, infantis. A recuperação (que incluiu o retorno e a renovação da saúde) é uma re-tomada – a retomada de uma visão clara. Não digo “ver as coisas como elas são”, pois assim me envolveria com os filósofos, mas posso arriscar-me a dizer “ver as coisas como devemos (ou deveríamos) vê-las” – como coisas separadas de nós. (TOLKIEN, 2013, p. 55,56)

Esse conceito é interessante, uma vez que a palavra “educação”, pela própria etimologia, significa guiar, conduzir para fora. Essa função é resumida por Lewis em seu ensaio *Três maneiras de escrever para crianças*, da seguinte maneira: “O menino não despreza as florestas de verdade por ter lido sobre florestas encantadas: a leitura torna todas as florestas de verdade um pouco encantadas.” (LEWIS, 2009, p.747). O segundo ponto é o escape. Não se pode confundir o escape do prisioneiro com a fuga do desertor. Por escape, Tolkien não está querendo dizer uma fuga da realidade, antes está falando do sentimento que a literatura gera, de que estamos entendendo as coisas como elas de fato são, nos libertando dos “grilhões” da caverna, caminhando em liberdade em direção à luz. Northrop Frye afirma que o nosso tempo nos força a enxergar as coisas de uma forma que não corresponde à realidade, e a literatura é uma das coisas que podem

nos fazer escapar dessa visão, e voltar a ver as coisas como deveríamos vê-las, retornando assim à primeira função.

Assim, o trabalho que a imaginação vai executar o dia-a-dia é produzir, a partir da sociedade em que temos de viver, uma visão da sociedade em que queremos viver. Óbvio que a segunda não pode ser uma sociedade separada da primeira; precisamos entender como relacionar as duas. A sociedade em que temos de viver, que para nós é por acaso a sociedade canadense do século XX, apresenta à nossa imaginação seu próprio substituto para a literatura: uma mitologia social, com seu próprio folclore e suas próprias convenções literárias – ou o correspondente a elas. O propósito dessa mitologia é persuadir-nos a aceitar os valores e padrões estabelecidos na nossa sociedade, a “ajustar-nos” a ela, como se diz. (...). A primeira coisa que a imaginação faz para nós, tão logo começamos a ler, escrever e falar, é lutar para nos proteger das ilusões com que a sociedade nos ameaça. (FREY, 2017, p.121, 122)

Por fim, Tolkien fala do consolo, ou, mais especificamente, o consolo do final feliz. Que se trata da grande alegria que preenche-nos quando o bem vence no final, processo esse que é percebido graças à imaginação moral.

Mas o consolo dos contos de fadas tem outro aspecto além da satisfação imaginativa de antigos desejos. Muito mais importante é o Consolo do Final Feliz. Eu quase me arriscaria a afirmar que todos os contos de fadas completos precisam tê-lo. No mínimo eu diria que a Tragédia é a forma verdadeira do Drama, sua função mais elevada; mas o contrário vale para o conto de fadas. Já que ao que parece não temos uma palavra que expresse esse contrário – vou chama-lo de *Eucatastrofe*. O conto *eucatastrófico* é a forma verdadeira do conto de fadas, e sua função mais elevada. O consolo dos contos de fadas, a alegria do final feliz, ou mais corretamente da boa catástrofe, da repentina “virada” jubilosa (pois não há fim verdadeiro em nenhum conto de fadas); essa alegria que é uma das coisas que os contos de fadas conseguem produzir supremamente bem, não é essencialmente “escapista” nem “fugitiva”. Em seu ambiente de contos de fadas – ou de outro mundo – ela é uma graça repentina e milagrosa; nunca se pode confiar em que volte a ocorrer. Ela não nega a existência da *discatástrofe*, do pesar e do fracasso; a possibilidade destes é necessária à alegria da libertação; ela nega (em face de muitas evidências, por assim dizer) a derrota final universal, e nessa medida é *evangelium*, dando um vislumbre fugaz da Alegria, Alegria além das muralhas do mundo, pungente como o pesar. (TOLKIEN, 2013, p.65, 66)

Essas são as três funções que a literatura, para Tolkien, exerce na imaginação. Muitas outras poderiam ser aqui citadas, mas outras pesquisas precisariam ser feitas para abranger todas. Por fim, vale ressaltar a analogia que o Frye faz para a importância da imaginação na educação: para ele, a imaginação está para a educação

humanística, assim como a matemática está para as ciências exatas. Ela é o fundamento, o grande continente sobre a qual todas as outras coisas são formadas. (FRYE, 2017)

CONCLUSÕES

Concluiu-se nessa pesquisa que a imaginação moral, entendida como a capacidade humana de reconhecer padrões éticos, presente na formação do imaginário, que entendemos como o campo onde as imagens captadas pelos sentidos são cultivadas, é de suma importância à educação, possibilitando que o educando possa passar a ver as coisas como coisas fora de si mesmo, como coisas reais, e, a partir daí, reconhecer a verdadeira essência dele mesmo e do mundo que o cerca. A pesquisa pode ser utilizada por professores das mais diversas áreas (embora seja mais recomendado à professores do ensino infanto-juvenil) a fim de que possam repensar os métodos de passar os conteúdos, se questionando se a dificuldade do aluno em aprender talvez não seja por ele não ter ainda um imaginário muito bem formado. Demais pesquisas podem ser realizadas, agora na tentativa de provar por meio de estudos de caso os argumentos que aqui foram levantados. O grupo de pesquisa Paideia, filiado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – campus João Pessoa - possui um subgrupo que se dedica ao estudo de diversos contos de fadas, extraíndo deles princípios e discussões éticas, posteriormente, algo pode ser escrito relacionando as conclusões deste trabalho com os levantamentos feitos por essas pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATHARINO, Alex. **Russel Kirk**: O peregrino na terra desolada. São Paulo: É Realizações, 2015.

CHESTERTON, G. K. **Ortodoxia**. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

CRUZ, Paulo. C.S. Lewis e a formação do imaginário. **Convenit internacional**. São Paulo, v. 14, jan-abr, 2014. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit14/index.htm>. Acesso em: 11 set. 2017.

ESCORSIM, Francisco. A reforma do imaginário através da educação da imaginação. **Homem Eterno**. Disponível em: <http://homemeterno.com/2017/07/a-reforma-do-imaginario-atraves-da-educacao-da-imaginacao/>. Acesso em: 11 set. 2017.

FRYE, Northrop. **A imaginação educada**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.

HOMERO. **Odisseia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

KIRK, Russel. **A era de T.S. Eliot**: A Imaginação Moral do Século XX. São Paulo: É Realizações, 2011.

BRITO, Márcia Xavier de. Prefácio. In: LANG, Andrew. **O fabuloso livro azul**. Porto Alegre, RS: Concreta, 2016.

LEWIS, C. S. **As Crônicas de Nárnia**. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

MCGRATH, Alister. **A vida de C.S. Lewis**: do ateísmo às terras de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

TOLKIEN, J.R.R. **Árvore e Folha**. São Paulo: WMF Martins fontes, 2013.

